

O olhar do mestre Gilberto Velho no resumo de quatro momentos de sua vida

ANA LUIZA CARVALHO DA ROCHA (UFRGS)

CORNELIA ECKERT (UFRGS)

*Mestre não é quem sempre ensina,
mas quem de repente aprende.*
Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*.

INTRODUÇÃO

Por ocasião do 27º Encontro Anual da ANPOCS, de 21 a 25 de outubro de 2003, estávamos em Caxambu (MG) para participar do evento tradicional da comunidade de cientistas sociais brasileiros. Sabíamos, com quase cem por cento de certeza, que iríamos encontrar o professor Gilberto Velho.

Na programação, não foi difícil localizar seu nome e confirmar a expectativa de revê-lo. No hall do Hotel

Glória, encontramos-nos e pedimos um instante em sua agenda. Como sempre, nosso mestre nos recebeu com o carinho habitual, “bom dia, colegas Ana Luiza e Cornelia”, e sentamos para conversar. Compartilhamos, na ocasião, nosso projeto de pesquisa do qual ele era nosso principal personagem, pois, a partir de sua trajetória, iríamos tecer a rede de formação, de diálogos profissionais, de desafios teóricos e metodológicos para os estudos em contextos urbanos no Brasil.

Explicamos que queríamos entrevistá-lo para elaborar um documentário sobre sua trajetória intelectual; que nosso objetivo era construir a genealogia de intelectuais brasileiros que identificávamos como fundadores das linhas de pesquisa de Antropologia das sociedades complexas e/ou Antropologia Urbana e/ou Antropologia de grupos urbanos no Brasil. Para nós, consistia em configurar a comunidade de interpretação do fenômeno urbano em suas múltiplas complexidades, com a qualidade investigativa da pesquisa etnográfica em contextos urbanos brasileiros. Acrescentamos, ainda, que tínhamos por sonho, no final do projeto, reunir os entrevistados em um seminário, atividade que gravaríamos, ainda com o objetivo de elaborar um documentário final com todos os narradores urbanos em interlocução. Gilberto nos escutou atentamente e concordou com o desafio. Pediu que enviássemos o projeto para ele ter uma ideia melhor

de nossos objetivos. Enviamos um resumo, além do roteiro das filmagens na cidade do Rio de Janeiro, que ele mais apreciaria percorrer durante o processo de construção da narrativa audiovisual.

PROJETO CNPQ

No Brasil, antropólogos(as) como Gilberto Velho (Rio de Janeiro), Ruth Cardoso e Eunice Durhan (São Paulo) conformaram, nos anos 1970, linhas de pesquisa tendo por tema a sociedade urbana no Brasil, seguidos de perto por alunos, ou pares, em pesquisa, que corroboravam seu interesse temático, como Ruben Oliven, Antônio Arantes, Alba Zaluar, Teresa Caldeira, Myriam Lins de Barros e José Guilherme Magnani, entre outros.

Propomos a produção de uma coleção fílmica intitulada *Narradores urbanos: Antropologia Urbana e etnografia nas cidades brasileiras*, que visa a retratar os percursos de conformação de um pensamento antropológico sobre a cidade moderna ao longo das transformações históricas profundas no país e na disciplina, tendo como foco central a trajetória intelectual de alguns expoentes do pensamento antropológico brasileiro. Lidamos com a construção das trajetórias acadêmicas, tendo por personagem o(a) antropólogo(a), a partir de seu lugar de habitante de uma grande metrópole, através do

convite para um passeio em determinados territórios urbanos, previamente selecionados por ele, momento em que serão colhidos vários depoimentos e registros de ambiências sugeridas pelo pesquisador(a) em “situação de campo”, assim como de lugares, cenas, personagens e situações que fazem parte de suas pesquisas.

Trata-se de uma série que procura retratar as múltiplas vertentes de pensar o mundo contemporâneo, considerando-os como personagens na primeira pessoa da história a ser narrada.

Este projeto resulta de nossos objetivos de pesquisa acadêmica, dedicada à Antropologia Urbana, buscando problematizar o caráter temporal das experiências de seus habitantes no mundo moderno e contemporâneo e suas repercussões nas práticas e saberes que os indivíduos e grupos urbanos usualmente constroem em suas relações com a cidade.

Como pesquisadoras e antropólogas interessadas no estudo da memória coletiva e em trajetórias urbanas nas cidades brasileiras, consideramo-nos herdeiras das questões problematizadas por esta linhagem, tendo por projeto acadêmico o estudo das dinâmicas de interações e representações sociais *na* e *da* cidade, sob a perspectiva de suas formas de vida social, visando a um repertório mais amplo das formas de sociabilidade no meio urbano do Brasil e suas variações culturais. A série

documental está disponível para apreciação pública no site <www.biev.ufrgs.br>.

O percurso de cada documentário contempla, assim, a realização de entrevistas com intelectuais reconhecidos na produção na área da Antropologia Urbana no Brasil. A intenção é retratar as diferentes matrizes desta área de conhecimento, segundo as tradições dos diferentes centros de origem, reconhecidos no cômputo da história da própria disciplina: USP, UFRJ, UFF, UNICAMP, UFSC, UFRGS, UFPE, UnB etc. Supomos que o próprio campo de saberes e fazeres em Antropologia Urbana sofra as injunções das “marcas culturais” do lugar onde se situam. Neste caso, os lugares da vida urbana nacional que serão visitados serão definidos a partir das escolhas dos nomes dos antropólogos entrevistados, do respeito às linhas de adoção e formação de seus pesquisadores, do esforço para desvendar o campo complexo dos diferentes prismas pelos quais seus pesquisadores buscam desvendar o enigma do viver contemporâneo, a partir de uma *dé-marche* sobre a vida nas grandes cidades.

DO ROTEIRO DE FILMAGEM

Trata-se de produzir uma série documental que retrate o olhar plural dos(as) antropólogos(as) em torno do viver a cidade no mundo contemporâneo. Para nós,

é a estratégia encontrada para a construção do encontro etnográfico entre a cidade e o seu narrador, o(a) antropólogo(a). No que tange às escolhas fundamentais de realização – dispositivos de pré-produção (roteiro), produção (gravação) e pós-produção (montagem) –, elas serão determinadas no sentido de restaurar, sempre que possível, as modalidades diversas adotadas pelo pensamento antropológico no Brasil no estudo das formas de vida nos grandes centros urbanos, sugeridos pela diversidade na forma que os antropólogos adotam na construção de seu próprio campo de saberes.

As gravações devem ser feitas, todas elas, na modalidade “cinema direto”, desde o registro do primeiro contato com o personagem, até, finalmente, o fechamento do roteiro de edição, prevendo-se jornadas contínuas de gravação, no sentido de captura do próprio tempo de realização do documentário, prevendo-se uma equipe pequena em cada situação de filmagem, no máximo de quatro pessoas (operador de câmera, de som, de luz, entrevistador e realizador). A unidade de tempo das gravações será marcada pelas escolhas de lugares e situações de pesquisa na cidade onde atua o antropólogo cuja trajetória intelectual será “etnografada” (sua prática artesanal), obedecendo-se sua preferência por determinados territórios urbanos.

Além disso, a partir de entrevista em seu apartamento, conversaríamos sobre imagens de acervo da cidade do Rio de Janeiro, além de imagens em outros contextos que a equipe registraria para contemplar sua biografia, sua reflexão sobre seu método de pesquisa e o campo interpretativo teórico-conceitual que confronta com problemas concretos de suas pesquisas. Combinamos que estas filmagens ocorreriam em 2004. Ainda em 2003, por ocasião das comemorações da data de realização da I Reunião Brasileira de Antropologia (1953), evento no Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, que ocorreu nos dias 13 e 14 de novembro de 2003, aproveitamos o ensejo para filmar Gilberto no contexto de seu trabalho cotidiano. Éramos, aliás, duas equipes filmando. Além de nós, havia o grupo coordenado por Patrícia Montemór e Emílio Domingos, que desenvolviam um documentário sobre a história da Associação Brasileira de Antropologia. Em 2004, finalmente, deslocamos-nos para o Rio de Janeiro, com dedicação exclusiva ao projeto de filmar Gilberto Velho.

MOMENTO 1 – A PRAÇA E O FASCÍNIO PELA CIDADE

Por ocasião das filmagens, Gilberto nos sugere um encontro a ser iniciado em uma praça nas redondezas de sua residência, no bairro Ipanema. Não se trata de uma

praça ao acaso, mas de um contexto de suas reminiscências infantis, de passeios com pais e parentes em sua infância, de brincadeiras com o irmão e primos. Câmera na mão, enquadramento na pessoa de Gilberto Velho, microfone em funcionamento, sentamos nos bancos ao redor de uma mesa de pedra disposta na lateral da simpática praça. “Para mim, essa praça deve ser a busca do melhor dos mundos, cercada de prédios ao longe, nem tão longe assim, numa praça que é tradicional desse bairro, e que eu passei momentos da minha infância aqui” (NARRADORES..., 2006).

Gilberto discorre sobre seu interesse em tratar do tema das modernas e complexas sociedades contemporâneas, como gostava de caracterizar os processos de industrialização, ou como nos informa num de seus consagrados livros: “da acentuada divisão social do trabalho, do espantoso aumento da produção e do consumo, da articulação de um mercado mundial e de um rápido e violento processo de crescimento urbano” (VELHO, 1981, p. 17).

Então essa coisa, essa dinâmica dos bairros da Zona Sul é muito interessante, Copacabana, Ipanema e Leblon. Eu me lembro que justamente na minha adolescência, a gente não vinha muito a Ipanema. Vínhamos para visitar algum parente, percorrer alguns lugares. Mas morávamos em Copacabana, que aliás era mais valorizada.

Me lembro que as praias de Ipanema e do Leblon eram consideradas muito bravas, mas depois foram se tornando as praias da moda, as praias dos artistas, dos intelectuais e das pessoas famosas. E depois teve o período das dunas e da Gal Costa e do “barato”, dependendo da iluminação. Tinha toda a coisa do comportamento político. Podia ser um comportamento político militante mais numa linha marxista, com todas suas variantes. Não era um ou dois blocos homogêneos, mas paralelos. Então, você tinha pessoas que tinham passagem pelas duas alternativas. Nem todos eram permanentemente membros de um bloco politicamente militante, nem eram membros exclusivos desse grupo do “desbunde” (NARRADORES..., 2006).

Ao comentar sua trajetória familiar e sua mobilidade residencial, configura o cotidiano da vida urbana em suas formas sensíveis enquanto projeto acadêmico, ousado para sua geração, nos programas de especialização de então, na Universidade de São Paulo e no Museu Nacional, integrado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, numa época em que ainda vigoravam estudos clássicos e métodos canônicos sobre as sociedades tradicionais. Comentamos com o mestre seu enorme atrevimento em se aventurar pela Antropologia Urbana sem abrir mão do diálogo com as obras acadêmicas definidas como clássicas na formação em Antropologia, Sociologia, história etc. Comentamos que esta postura deixa um

fecundo legado na formação das novas gerações; que nos impressiona, em sua obra, o aproveitamento teórico de diferentes campos conceituais: o interacionismo simbólico, a Antropologia social britânica, a escola sociológica francesa, o estruturalismo histórico, fazendo uma síntese e uma “[...] combinação entre diferentes tradições” (VELHO apud VALLADARES, 2005, p. 66). E isto, para “observar o familiar”, para promover o fazer etnográfico em contextos de sociedades urbano-industriais: o desafio da alteridade próxima nascia de suas experiências sólidas de pesquisa. Uma ousadia homenageada por Peirano em seu livro *A teoria vivida* (2006, p. 62), onde o cita o estudo ao tratar dos estudos da alteridade próxima. Argumenta que, no Brasil, “[...] a teoria não é apenas abordagem, mas afirmação política também”. Peirano (2006) refere-se às suas combinações teóricas para pesquisar “[...] temas urbanos sensíveis. Esses incluíram estilos de vida da classe média, hábitos culturais do psiquismo, consumo de drogas e violência” etc.

Gilberto declara ter sido sempre fascinado pela cidade e que a Antropologia lhe proporcionava um campo de possibilidades para estudá-la a partir desta prática de desfamiliarização de seu próprio mundo cotidiano. Olhando a paisagem da praça, ele argumenta: “Gosto deste bairro, Ipanema. Gosto de dizer que as pessoas em Ipanema têm algo de esquisito, o que me afeta, me se-

duz. Mas morar em Ipanema foi uma ‘áurea medida’”. (NARRADORES..., 2006).

Neste momento, faz uma pausa e reinicia contando que, no período de 1952 a 1968, morou com seus pais num apartamento em Copacabana. De 1968 a 1970, morou no Edifício Estrela, que ele tornou famoso com sua pesquisa de mestrado, intitulada *A utopia urbana* (de 1970, orientada por Shelton H. Davis, da Universidade do Texas). Foi uma experiência que compartilhou com sua companheira de casamento, na época, a colega Yvonne Maggie. Depois, conforme nos relata, muda para a Gávea, um bairro mais bucólico no Rio de Janeiro, uma opção ambiental romantizada, logo traída pela reforma urbana de grande impacto, com a construção de um túnel de autoestrada.

PROJETO DE VIDA, CAMPO DE POSSIBILIDADE E TRAJETÓRIAS SOCIAIS

Ao discorrer sobre Ipanema, não revela apenas o fascínio do bairro sobre o Gilberto Velho-antropólogo, mas igualmente sobre o Gilberto Velho-cidadão, ou seja, “[...] como uma pessoa que tem suas experiências pessoais” naquele lugar:

Eu adoro a cidade. Sou um homem urbano, um cidadão, e a cidade me interessa o tempo todo; é um fenômeno que me fascina. As coisas que passam na cidade me despertam interesse, curiosidade, atingem minha sensibilidade, entendeu? E outros se encantam com o Xingu, com a floresta amazônica, não é? Ótimo, não? Esplêndido. Outros querem trabalhar com uma plantation no Nordeste, ou numa colônia do Sul etc. Além daqueles que vão fazer trabalho bibliográfico, isto porque na Antropologia ainda tem um lugar para isso, muito embora a sua marca seja o trabalho de campo, existem pessoas que trabalham com história da Antropologia, que é outra área fascinante. Uma maneira também de pensar que a Antropologia conseguiu trabalhar muito bem com as suas próprias crises internas, porque, se ela nasce de um olhar clássico sobre o outro, a alteridade, ela consegue esta perícia (NARRADORES..., 2006).

O problema, assim, é ético e político, propõe Peirano (1995, p. 144), em *A favor da etnografia*: “Trata-se de uma combinação *sui generis* dos papéis de cientista e de cidadão”, e, interpretando a trajetória das Ciências Sociais no Brasil, é intrínseco ao “[...] compromisso geral com os problemas de *nation-building*” (PEIRANO, 1992, p. 16).

Explora, então, seus deslocamentos por diferentes bairros no Rio de Janeiro como parte de seu projeto de vida, sempre motivado pelo desejo de “[...] encontrar

lugares, recantos em que eu pudesse me sentir melhor, me beneficiando de toda uma base pública, evidentemente”. E segue ponderando sobre o bairro:

Essa área de Ipanema, a partir do final dos anos 50, foi se tornando mais *fashion*, mais conhecida, mais referência, época da transição dos louros de Copacabana para Ipanema. É claro que isso não foi repentinamente, da noite para o dia, mecanicamente. Ipanema é muito mais barata do que Copacabana. Carrega histórias como a história do Ary Barroso, que está fazendo 100 anos agora, né. Ele morava na beira do Leme, e queria comprar um apartamento em Copacabana, e não conseguiu; então, foi comprar um apartamento em Ipanema, que era mais barato. Isso no final dos anos 50. E ele ficou com um apartamento em Ipanema, que hoje em dia é muito mais valorizado que Copacabana. Então, essa história dessa dinâmica dos bairros, essa mudança do valor, do prestígio, é muito interessante. Copacabana, nos anos 1950/60, era um grande objeto de desejo e isso começou a mudar. Ipanema foi se tornando esse alvo. Depois, a transferência do Leblon também. O Leblon hoje em dia é um bairro muito citado, comentado. Inclusive porque tem tido novelas em que o Leblon aparece como cenário (NARRADORES..., 2006).

Interpreta, assim, que seus itinerários no Rio de Janeiro foram motivados pelo projeto de morar em bairro em que pudesse desfrutar de certa comodidade por

constatar a deterioração nos bairros precedentes. Em especial, destaca a poluição sonora. A cada deslocamento relatado, ele nos partilhava os sentimentos de nostalgia que procurava acomodar nas razões da escolha da próxima morada, tendo sido Ipanema, por um tempo longo, a preferida:

Então, essa praça preserva a memória da antiga Ipanema, uma Ipanema dos anos 50, de fato bem mais bucólica; você não tinha tantos prédios. Tinha pouquíssimos prédios, e hoje em dia é um lugar muito cosmopolita, né, muito badalado; isso aqui está cheio de restaurantes de nível internacional. Todos esses pontos têm bares, contrastando com esta bucólica praça dos anos 50; até foi restaurada recentemente (NARRADORES..., 2006).

Nosso entrevistado revela que, ao chegar à praça, naquele dia, caminhou saudoso próximo ao monumento erguido para homenagear Pinheiro Machado, lembrando de brincadeiras de esconder em sua infância. No bairro sempre moraram parentes. A opção pelo bairro tinha a ver com este sentimento de pertença, pois o apartamento onde ainda mora lhe proporciona um ambiente confortável e familiar, uma vez que “[...] nesse edifício morou o meu avô” (NARRADORES..., 2006).

UNIDADE E DESCONTINUIDADE EM SOCIEDADES COMPLEXAS
– NA CONTRAMÃO DO ESTEREÓTIPO

A presença de crianças mendigando chama a atenção de Gilberto, que acrescenta ser esta uma presença crescente no cenário dos bairros; algo mais raro no passado. A presença, cada vez mais maciça, de crianças na condição de populações de rua o leva a refletir sobre uma situação de ambiguidades, pois não se trata apenas de uma presença de mendicância, mas de situações de maior gravidade, com denúncias de controle dos grupos de mendicidade e de aluguel de crianças para estas tarefas.

Pondera serem questões complexas, comuns a contextos cosmopolitas, e até mesmo a bairros como Ipanema:

Esse cosmopolitismo de Ipanema convive com situações muito tradicionais da cidade brasileira, com situações muito agudas em termos de interação social; então isso pode perturbar o seu próprio cotidiano, como vocês estão vendo a população de rua, mas ao mesmo tempo você está vivendo e observando esse convívio, essa interação em um bairro que tem fortemente a presença da elite, de uma classe média, e as favelas que você tem ali no Pavão, Pavãozinho e Cantagalo; se você continuar em direção ao Leblon, você vai encontrar, cruzar a São Sebastião e, mais adiante, você vai encontrar a favela do Vidigal e da Rocinha (NARRADORES..., 2006).

Gilberto discorre sobre as múltiplas transformações nas formas de comportamento e atitudes nos diferentes espaços e mudanças de hábitos em face de uma criminalidade desmedida, por razões que merecem profunda análise e exigem que se reconheçam as diversas formas sob as quais se esconde o medo do cidadão:

Mudam os estilos de vida, não só nossos, mas também dos segmentos trabalhadores. Não só por ser um estilo de vida, como não dá para dividir. Eu acho que isso já foi superado de algum modo – bandidos de trabalhadores –, embora existam, sem dúvida, bandidos em tempo integral, e existam pessoas que sejam basicamente trabalhadoras. Mas o que você encontra muito são pessoas que têm um trabalho, um trabalho mal-remunerado, um trabalho precário, um trabalho que não satisfaz minimamente às expectativas, e que pode – e com frequência ocorre isso – participar de algum tipo de atividade ilegal totalmente criminosa. Existem situações, nas pesquisas que eu tenho feito, e isso aparece. Então, não é só aquela figura do bandido armado, entendeu, com uniforme praticamente de assaltante (NARRADORES..., 2006).

É preciso saber lidar com estas fronteiras imprecisas, com as margens, enxergando as diferenças que se manifestam no dia a dia nos esforços de inserção social e os que não conseguem. Por que isto acontece? Em sua fala,

Gilberto retoma um exemplo primoroso, que articula o tema da unidade e da fragmentação para tratar das sociedades complexas no seu livro *Projeto e metamorfose* (VELHO, 1994):

Então você tem toda essa, esse complexo processo de reconhecimento, de mapeamento, “será que eu posso entrar, será que vão me deixar entrar nessa loja? Será que eu vou ser recebida?” Porque também você tem essa história de entrar em loja, que as pessoas têm medo de entrar em loja, têm medo de entrar em determinados lugares. Outro dia, a Miriam me contou que ela saiu com um grupo de alunos dela, andando por Copacabana, pessoas modestas, né, muitas de cor, resolveram entrar no Copacabana Palace. Criaram coragem, entraram e foram perguntar qual era o preço, do quarto, do apartamento. Foram muito bem atendidos e tudo, mas saíram nervosíssimos, mas ao mesmo tempo fizeram reconhecimento, entendeu? (NARRADORES..., 2006).

Neste breve convívio na praça, pudemos inferir os temas que Gilberto valoriza para o estudo dos diferentes segmentos de uma sociedade complexa: as vivências e os problemas cruciais do mundo urbano, pois, assim como “[...] estamos tendo esta agradável conversa neste lugar aparentemente bucólico, em que crianças e idosos circulam, podemos ser assaltados” (NARRADORES..., 2006). Podemos ser afetados pelo sentimento de risco,

mas qual o medo e o risco sob a ótica de quem nos provoca insegurança? Trata-se de mundos complexos, com ingredientes como confiança e desconfiança, suspeita e solidariedade. Cita o livro de William Foote Whyte, *Street corner society* (1993), que aponta as redes de gangues em disputas internas, de prestígio e poder no bairro popular de uma cidade norte-americana.

UNIDADE E FRAGMENTAÇÃO EM SOCIEDADES COMPLEXAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Aprofundamos, então, com nosso interlocutor, o tema das transformações urbanas, dos problemas de desigualdade social e os processos de violência e crimes que mostram as dimensões agonísticas que atravessam experiências geracionais no contexto urbano brasileiro. Referimo-nos, em especial, à cidade do Rio de Janeiro, conforme seu comentário:

Eu sempre entendi Antropologia Urbana como o trabalho que os antropólogos tão fazendo na cidade. Parte desse trabalho é um trabalho que tem um objetivo explícito de ser uma Antropologia da cidade, no sentido de estar estudando fenômenos que são típicos, às vezes até exclusivos, da cidade. Mas, sobretudo, estamos estudando processos sociais, dramas sociais que se passam num determinado espaço social (NARRADORES..., 2006).

Neste lugar, agora, sugere o mestre, convivemos com o que ele lidava em seus esforços acadêmicos: tratar de situações muito complexas em seus potenciais de heterogeneidade e fragmentação, reconhecer processos de interação ou de distinção social na variedade de experiências e na diversidade de motivações de pessoas e grupos sociais. São estes os problemas das sociedades complexas que nos perturbam e nos desafiam a uma interpretação capaz de fortalecer, em alguma medida, projetos sociais e culturais que envolvam a condição de cidadania. Assim, devemos reconhecer os códigos simbólicos e as regras sociais, e, claro, ser sinceros, honestos em nossas intenções e capacidades:

Então, esse processo ininterrupto de definição e redefinição da realidade, esses pequenos dramas, esses impasses, isso pra mim é uma inspiração permanente pra pensar sobre a vida social, entendeu, e seus efeitos, suas consequências na vida individual. Isso é uma coisa que a cidade te mostra; isso é um fenômeno que a grande cidade permite a você perceber e estudar com maior riqueza (NARRADORES..., 2006).

Que a vida se passa em múltiplos planos, que são vários contextos diferentes, eventualmente contraditórios, são situações diferentes, e que você transita, permanentemente, entre mundos, entre esferas distintas. Não é que isso não ocorra em sociedades de pequena escala,

mas, na grande cidade, isso aparece numa tal dimensão, numa tal intensidade, que passa realmente a constituir uma diferença qualitativa, a ponto de aí você dizer “Isso é uma Antropologia Urbana”. Eu acho que, embora haja uma exigência de rótulo, de Antropologia Urbana, em termos até de financiamento, de lugar político na academia, o nome é bom. Você não acha que ao falar de uma Antropologia Urbana nós temos uma narrativa política mais clara? Quer dizer, ela consegue atingir políticas públicas (NARRADORES..., 2006).

Refere-se, em especial, à incompetência ou às dificuldades de gestão pública para conter crises de impacto social, apontando, ao contrário, que, de modo geral, há conivência, cumplicidade e envolvimento de grupos da polícia, de setores do aparelho burocrático civil e mesmo de autoridades do Judiciário no que o termo corrupção resume, associado ao da violência cotidiana:

Ah, eu tenho alunos e alunas que abordam o problema. Por exemplo, eu tenho, no momento, uma aluna que tá estudando, tentando estudar uma região muito violenta, e evidentemente eu tenho que ficar superatento, inclusive como ela não é do Rio, ela não tem o domínio de certos códigos. Ela tá aprendendo; tem algumas vantagens de não ser do Rio, mas, em compensação, é uma preocupação permanente de evitar certos riscos desnecessários. Algum risco é inevitável, quer dizer, o antropólogo que pesquisa a cidade do Rio de Janeiro,

mesmo que não seja especificamente o tema da violência, à medida que ele tá no campo ele corre vários riscos (NARRADORES..., 2006).

Interpreta que estamos diante de um quadro urbano complexo, caótico, de imagens muito contrastantes; os sons e ruídos muito intensos, levando-nos a ter que refletir sobre individualismo e cultura, com suas incidências sobre o conceito de violência, não para reificar a violência, mas para compreendê-la como “[...] parte constituinte da própria natureza desta sociedade, cujo universo de representações não só expressa, como produz, a desigualdade e a diferença” (VELHO, 1981, p. 148).

Claro que isso acontece com qualquer campo, qualquer local do mundo, em qualquer cidade. Mas, atualmente, no Rio, isso é uma situação muito recorrente. Nesse livro, *Pesquisas urbanas*, isso aparece de vários modos: é a menina que vai estudar o hip-hop e é detida com um grupo de hip-hopeiros, depois liberam; a pessoa que está estudando a escola de samba, e se defronta com o bicheiro com um revólver... É você olhar as camadas populares como classes perigosas. É terrível isso; é terrível isso! Então, a gente evidentemente não faz isso de modo mecânico, linear, mas saber que elas podem, não as camadas populares como um todo, setores delas, grupos que podem ter um comportamento que não corresponde às idealizações muitas vezes feitas, histórica-

mente, pelos cientistas sociais, a respeito desses grupos sociais. (NARRADORES..., 2006).

Gilberto lembra uma experiência geracional de sua juventude, quando caminhar pela Zona Sul, namorar na avenida Atlântica, até o final do Leblon, mesmo de madrugada, era algo razoável, ao passo que hoje seria praticamente um suicídio. Assim, pondera o mestre, “não tenho a menor dúvida” da imperativa mudança de hábitos, de restrições de horários, de reclusão em suas moradias, cada vez mais protegidas por conta do aumento da insegurança. Comenta que o setor comercial de bares e restaurantes, sobretudo os que funcionam à noite, talvez seja o mais atingido pelo medo de seus consumidores. “A mudança é evidente”. Mas temos que indicar formas de enfrentamento do medo. “Apontar superações” (NARRADORES..., 2006).

METAMORFOSES DA VIDA URBANA

Perguntamos sobre seu tema de interesse mais atual. Responde ser o tema da violência e da juventude, ou melhor, jovens: “me interessa ver como é que os jovens percebem a violência” (NARRADORES..., 2006).

Sobre este tema, nosso entrevistado nos informa que analisou, em *A utopia urbana*, as mudanças de hábitos

na avenida Copacabana, que era, em sua adolescência, um lugar muito alegre, não contaminado por esse medo constante. Mais informa ainda que, há pouco tempo, deu uma entrevista à Globo News, em que declarou que o medo que sua geração de estudante conhecera antes era o do Regime Militar, o medo da repressão, quando ter uma posição de esquerda, de críticas ao regime em vigor significava atos de muita coragem, de enfrentamento do estado de sítio. O medo existia, mas de outra forma; a humilhação era o desrespeito aos direitos de pensamento, de posições ideológicas. Para Gilberto, havia, sem dúvida, algum tipo de medo. E não era pouco! Ele próprio fala de experiências próximas muito trágicas. Em seguida, acrescenta ter argumentado em várias ocasiões:

Sem dúvida, a pobreza, a miséria e a iniquidade social continuam a ser um campo altamente propício para a disseminação da violência. No entanto, creio que não tem sido dada a devida atenção para a dimensão moral, ética e do sistema de valores como um todo para a compreensão desse fenômeno (VELHO, 2002, p. 124).

O enorme aparato utilizado pelo indivíduo para se proteger (alarmes, grades, mudança de hábitos) parece não refletir a importância de um “[...] aperfeiçoamento e amadurecimento das subjetividades individuais, o que gera uma distorção entre os elementos objetivos exter-

nos, à disposição da sociedade, e a possibilidade de os indivíduos se beneficiarem internamente, em termos de seu crescimento pessoal” (VELHO, 2002, p. 129).

Porque, através das interações que nós estudamos na cidade, através dos processos sociais, através dos dramas, através dos problemas, nós estamos levantando questões que não só dizem respeito à cidade, mas como na cidade aparecem de um tal modo; talvez seja mais passível de investigações antropológicas do que em outros lugares, do que em outras sociedades, do que em outras escalas. E, com isso, você pode, inclusive, e isso tem acontecido, rever até a literatura sobre sociedades tradicionais, sobre sociedades tribais – eu estou pensando na temática do desvio, principalmente. Eu me lembro dos trabalhos da Margaret Mead, grande mérito, vendo que os indivíduos desajustados numa cultura, estariam ajustados na cultura do lado; nós conseguimos perceber que as coisas são mais complicadas, que as pessoas se movem em múltiplos planos (NARRADORES..., 2006).

Gilberto diz serem muitas as imagens dos medos, muitas as experiências, “[...] são situações fortíssimas” (NARRADORES..., 2006). Viver hoje é, então, estar sempre sob uma grande tensão na escolha de sair e se submeter a múltiplos riscos. Confessa que sempre teme muito por sua afilhada, ou pelos filhos e filhas de amigos e amigas, além de pensar constantemente na violência dentro

das camadas populares. Admite a questão da violência das camadas populares contra a classe média, contra os setores elitizados, mas frisa a violência dentro das camadas populares.

Nossa conversação deriva para uma avaliação sobre como o tema do medo é vivenciado pela nova geração:

Então, essa questão dos mapas e das trilhas é muito interessante; pra Antropologia, eu acho uma das coisas mais fascinantes, essa questão dos mapas, e é fascinante como são múltiplos. E esses caminhos, e meandros e trilhas que diferentes grupos, categorias, desenvolvem, aprendem ou inventam, reinventam (NARRADORES..., 2006).

Primeiro, conversamos sobre a banalidade da criminalidade: “A proporção da minha rede de pessoas que já foram assaltadas é enorme, certamente é superior a setenta, sessenta por cento” (NARRADORES..., 2006). Quanto às gerações mais novas, Gilberto considera que muitos aprenderam a criar estratégias de maior segurança, proteção e até negociação com os bandidos: “As gerações mais novas lidam com isso de outro modo” (NARRADORES..., 2006):

Por exemplo, minha sobrinha me contou que um sujeito tentou assaltá-la ali na Vinícius de Moraes de dia, sain-

do da academia de ginástica, e ela disse “que bobagem, você vai me assaltar! Eu não tenho nada, tenho um tênis velho aqui, não tenho nada, que besteira, você tá me assaltando por quê?”. Mas ela assim, muito à vontade, pra dizer essas coisas; o sujeito desistiu de assaltá-la, entendeu, ela teve sorte, porque podia ser um sujeito mais agressivo, né (NARRADORES..., 2006).

As novas gerações estabelecem outras estratégias e têm outros mapas da cidade, diferentes dos mapas de sua geração e das gerações anteriores. Metodologicamente, Gilberto propõe aqui construir, a partir das narrativas de jovens e idosos, as trilhas que percorrem, o que evitam, como saem, com quem, em que horários, que categorias desenvolvem, e as estratégias que adotam.

SOBRE O ATO DE OLHAR, ANDAR, ESCUTAR E ESCREVER

Gilberto nos dá uma aula sobre as questões que devemos observar e perguntar aos jovens e aos idosos, entendendo as diferenças sobre usar o espaço público: “Os jovens, de qualquer forma, vão para a rua. Agora, você pega as pessoas idosas, por exemplo, certamente isso cada vez é mais complicado” (NARRADORES..., 2006). Em suas palavras:

Eu entrevistei um casal de setuagenários aqui de Copacabana, que foram assaltados duas vezes em poucos meses na rua, e aí resolveram sair o mínimo, sei lá. O filho deles em casa, eles só iam ao médico, viam televisão, até que um dia o prédio foi assaltado; o apartamento deles foi assaltado, eles foram amarrados. Então, não é um caso extraordinário, essa experiência dos idosos serem assaltados e atacados. Eu tenho discutido muito isso, é um caso-limite, tem uma importância simbólica enorme, porque tá expressando uma crise, realmente, no nível dos valores da sociedade. No momento que setuagenários e octogenários podem ser atacados na rua, então você realmente perdeu os limites, então isso vira o quê, uma espécie de Laranja Mecânica, principalmente quando há um exercício de sadismo, de violência, que muitas vezes ocorre. Isso de assaltantes em relação às pessoas mais velhas, de camadas médias, por exemplo, mas dentro mesmo das camadas populares, e aí sim nas brigas entre as gangues, que são violentíssimas, bandidagens com requintes de crueldade, até decapitação, coisas muito chocantes, né, então é isso, né! (NARRADORES..., 2006).

As situações de desigualdade, de precariedade de vida, devem ser entendidas, segundo nosso entrevistado, numa perspectiva histórica, refletindo sobre o indivíduo moderno. Para isto, fornece-nos um rico espectro de recortes conceituais para construir subsídios interpretativos sobre “[...] as noções de indivíduo, so-

cidade-cultura e suas complexas e múltiplas relações” (VELHO, 1981, p. 8). Propõe perguntar quem são esses atores, como interagem, e reconstituir suas biografias e trajetórias. Predomina, em sua perspectiva, o mote ético de conhecer a si mesmo no outro, e a sua própria sociedade no confronto com as outras, estando o antropólogo atento aos saberes e às práticas da pesquisa etnográfica na cidade, com a complexidade de que a própria cidade é o lugar da transformação a ser compreendida.

Mas não só à experiência do deslocamento etnográfico devemos estar atentos, mas também à escuta das interpretações, às camadas temporais dos acontecimentos. Por exemplo, importa considerar que o Rio de Janeiro vivenciou a perda de seu status de capital do País para o projeto modernizador de fundação de Brasília, momento em que a então capital se fundiu com o estado do Rio. Segundo Gilberto, essa determinação histórica trouxe enormes prejuízos ao estado, uma crise econômica crônica e uma condição de decadência em vários setores, afetando de diversas formas os processos sociais interconectados. Como, por exemplo, as desigualdades sociais que se tornam mais expostas e transparentes. O Rio de Janeiro é uma cidade interessante para reconhecer esses processos contraditórios e antagônicos que estão em jogo na vida das pessoas em suas múltiplas formas de interação. Trata-se de um contexto urbano com intensa

dinâmica de movimentos sociais por sua grande criatividade, tanto em termos de cultura popular, quanto de cultura universitária; de *high culture* e *popular culture*. Gilberto destaca o potencial de observar e compreender estes jogos interativos, em suas improvisações, suas reproduções (de normas e códigos) e enfrentamentos. Sobretudo os procedimentos que acumulam grande potencial de criatividade, e isso se manifesta nas gerações jovens de camadas médias e entre o pessoal das camadas populares, coisas como forró, *hip-hop*, *funk*, e outras formas de invenção ou de reinvenção, como a retomada de músicas e ritmos tradicionais.

A CIDADE E SUAS REGIÕES MORAIS

O tema das múltiplas formas de expressão musical, de produção e consumo da cultura nos levou a outro conceito, caro aos estudos de Gilberto Velho, o de *regiões morais*. Gilberto se refere à importância da Escola de Chicago nos estudos das transformações das sociedades modernas e contemporâneas.

Orienta-nos sobre certas concentrações, como o funk, mais limitado a eventos nas favelas ou nas periferias, mas que pode ser encontrado não só em camadas populares, em clubes, mas também em bairros de segmentos médios. Já em bairros como a Lapa, predomina o

gosto pelo samba tradicional, que chega a ser uma marca do bairro. Outro gênero musical, o pagode, também é apreciado em diferentes lugares. Podemos identificar algumas áreas com tradições mais boêmias, o que implica certa concentração. Podemos, em alguns casos, falar em regionalização, como aponta o estudo pesquisado por um aluno no caso do *heavy metal*. Existe uma área próxima do museu, perto da Praça da Bandeira, com uma concentração de lugares em que se toca *heavy metal*.

Provocado, Gilberto continua com seus pensamentos. Seu gosto pela escrita se revela em sua abundante produção textual, ao mesmo tempo concisa, precisa e densa. Nesta parte de nossa conversa, insistimos sobre seu fascínio com a cidade e os desafios de escrever sobre ela:

Escrever sobre a cidade é muito interessante. Eu escrevo à mão, em bloquinhos; depois, evidentemente, eu dependo de uma santa alma que entenda meus hieróglifos, que digita, e depois eu faço a revisão. Eu escrevo direto, e faço uma primeira revisão à mão mesmo. Eu escrevo de uma maneira já bastante concisa. Eu acho que, de fato, eu aprendi assim. Mas aí eu faço uma revisão, depois que antigamente batia-se à máquina, eu cheguei a bater na máquina, mas detestava, tinha horror, e hoje em dia digito e revejo. Eu gosto muito de escrever; tenho o meu escritório, mas eu gosto muito de escrever naquela mesa da sala, olhando paisagem; então, eu fico muito com um bloquinho ali (NARRADORES..., 2006).

Gilberto confessa que gosta de provocar seus alunos pedindo para olhar a cidade:

“Olha a cidade, veja a cidade, o que que você está vendo?” Gosto de insistir em minhas aulas: “O que é esse bairro? Quais seus limites? Em que ele se parece com o bairro em que você mora? Quais são os teus espantos neste bairro? As surpresas? O que te afeta? Façam um esforço!” (NARRADORES..., 2006).

Então existem fenômenos que são típicos desse espaço que nós chamamos de cidade, e existem outros fenômenos que podem estar ocorrendo ali e que podem estar ocorrendo em outros lugares, mas que são, de qualquer forma, fenômenos antropológicamente importantes e positivos. Quer dizer, eu não gosto de carregar esse pavilhão. Nem tudo que eu faço é necessariamente Antropologia Urbana. Eu dou um curso chamado atualmente Estrutura Social do Brasil; dou um curso chamado Indivíduo e Sociedade; eu dou um curso chamado Antropologia das Sociedades Complexas, e não tem muito problema em relação a esses nomes (NARRADORES..., 2006).

Nosso entrevistado prossegue e alerta: mais do que identificar as concentrações, que são importantes, é claro, é importante reconhecer o “potencial de metamorfoses”. É uma característica do Rio de Janeiro de que tudo esteja bastante disseminado, espalhado. Explica Gilber-

to que podemos estar em uma rua como a rua Vinícius de Moraes, comendo uma pizza, e escutar bossa nova na Toca do Vinícius. “Aqui nesta praça tem diferentes feiras e shows. Nas terças, é na General Osório; nas sextas, aqui. Então você tem essa heterogeneidade criativa” (NARRADORES..., 2006).

Insiste na relação entre níveis de cultura, tanto na cidade como na sociedade brasileira em geral. Há relação entre níveis de cultura, o que se traduz em trabalhos fascinantes como, por exemplo, sobre o *funk*, o forró, o *hip-hop*, o samba e as relações entre as diferentes categorias sociais envolvidas nisso. São exemplos fantásticos trabalhados por seus alunos.

Várias pessoas que estão trabalhando nessa área, e eu sinto um grande potencial, tanta coisa pra ser feita. Porque são muitas possibilidades, e como é um processo de reinvenção permanente, você percebe na cidade do Rio de Janeiro como as coisas tão sendo inventadas e reinventadas (NARRADORES..., 2006).

FAZER ANTROPOLOGIA, UMA PAIXÃO

“Ver esta cidade como antropólogo ou como cidadão é fascinante”. Gilberto fala dos inúmeros estímulos para se sentir bem no Rio de Janeiro, que é, sobretudo, um lugar muito bonito, apesar das decadências em deter-

minadas regiões e setores. Mais ainda, “[...] as pessoas são muito interessantes; me estimula encontrar pessoas interessantes como meus ex-alunos(as) e alunos(as)” (NARRADORES..., 2006). Refere-se aos alunos(as), que são muito bons, interessados, inteligentes, com apetite de conhecimento, grande disposição de conhecer sua cidade e seu país, para não falar do mundo.

Isso é uma das coisas que fazem com que eu me mantenha muito interessado e próximo das minhas atividades. Por isso, eu não tenho sensação de cansaço em relação ao que eu faço. Claro, importante aqui um parêntese, o enfrentamento à burocracia, é fatigante: eu me canso com a burocracia, que hoje em dia é muito maior do que era há vinte anos atrás. Essa burocracia de hoje com relatórios e computadores e formulários sempre com novas demandas, isto não existia. Então isso eu acho uma coisa ruim, uma coisa negativa para a vida acadêmica e para a vida universitária. Mas não estou me cansando de coisas que eu fazia há vinte anos atrás (NARRADORES..., 2006).

Sua paixão pelo trabalho de orientação, pela pesquisa e pelo ensino transborda nesta parte de nosso diálogo: “Lecionar me estimula” (NARRADORES..., 2006).

Gilberto considera-se sempre atinado com os problemas da cidade, do país e do mundo, “da globalização”. Mesmo que não faça mais pesquisa de campo, como no

mestrado e no doutorado, “estou, é claro, atento aos acontecimentos” (NARRADORES..., 2006).

MOMENTO 2 – O NARRADOR E A RUA

Instigamos nosso mestre a refletir sobre sua ousadia nesse processo de se aventurar pela Antropologia Urbana, tanto quanto pelas transformações na disciplina, sobretudo a partir da década de 1980 e 1990, e, quem sabe, examinar, com atenção sistemática e pontual, os grandes problemas da sociedade que obrigam a própria disciplina a se transformar. Confiamos muito no arrojo que é sua inteligência teórica e metodológica, de apontar estratégias conceituais, táticas metodológicas para ousar a pesquisa sobre o familiar, estranhando, relativizando, criticando e partilhando. Em especial, consideramos o impacto do paradigma hermenêutico, que se impunha como inovação à matriz disciplinar clássica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). Repercutem no Brasil a chamada Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1973), Pós-moderna (CLIFFORD; MARCUS, 1986) e a Antropologia da Razão e da Modernização da vida (RABINOW, 1990). Tornam-se fundamentais o desvendamento das relações de poder e uma visão crítica sobre a cultura ocidental (STRATHERN, 2006; WAGNER, 2010) no processo da prática etnográfica que se coloca como condição de

conhecimento do outro e de si, no espelhamento dos debates sobre a autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1999), com a particularidade, no contexto brasileiro, de ser manifesto “[...] o compromisso que o cientista tem com o grupo que escolhe estudar” e “[...] com o envolvimento social que caracteriza e define o intelectual no Brasil” (PEIRANO, 1995, p. 144). Consolida-se, nos programas de pós-graduação do país, o projeto de focar as sociedades complexas. Gilberto faz uma importante reflexão sobre o compromisso com o ofício da Antropologia, um compromisso cada vez maior com as políticas de governo e os problemas no espaço público:

Me incomoda muito essa separação em antropólogos urbanos, antropólogos do meio rural. Acho que é uma coisa que não tem sentido, que eu acho que pessoas... agora mesmo eu tive um caso muito interessante de um aluno que fazia etnologia, fez mestrado em Etnologia e queria fazer doutorado em Antropologia Urbana e está fazendo, e muito bem, e traz com ele uma bagagem ótima dos estudos de Etnologia, que aliás quase todos nossos alunos têm que ler alguma coisa, Teoria Antropológica I, Teoria II; mas ele trabalhou mesmo com Etnologia, trabalhou com grupos indígenas, trabalhou com xamanismo; está trazendo uma contribuição muito interessante. Está juntando, se somando melhor dizendo. É assim que eu vejo. Agora essa preocupação “é Antropologia Urbana?” Pode ser, pode ser uma An-

tropologia Urbana, uma Antropologia das Sociedades Complexas, Rituais, Família e Parentesco, sabe. Porque vocês têm razão, a gente também fica muito marcado pela coisa dos compartimentos, dos relatórios, dos rótulos, das caixinhas, isso é um problema. Mas há também a importância de uma identificação, porque assim como o etnólogo é chamado para laudos, nós também somos chamados para discutir patrimônio, para discutir com os arquitetos, sugerir questões e ações para as políticas públicas... Mas aí somos antropólogos, aí cada antropólogo vai ter sua história. Tem pessoas que trabalham mais com o caso do patrimônio, que é o caso de vocês, têm um currículo, tem um trabalho. Outros trabalham mais com favela, outro com drogas. Então para uma política de drogas pode-se chamar um antropólogo, para os problemas de conflitos, de impasses (NARRADORES..., 2006).

Com estas colocações e a especificidade de cada tipo de problema, aponta para a riqueza da interdisciplinaridade, de uma formação múltipla e complexa. Gilberto esclarece que teve alguns estímulos em sua trajetória pessoal, graças a um *campo de possibilidades* em seu projeto intelectual. Sortes que o sustentaram na aquisição de um capital cultural que lhe aguçaram a atenção para os problemas de estrutura e de organização da vida social. Da mesma maneira, reflete sobre as redes sociais de uma comunidade interpretativa, a dos antropólogos

ditos urbanos, suas redes de pertença, um fenômeno que considera anterior ao do momento de sua formação em Antropologia. Tem vastas razões para insistir no “campo da Antropologia”, pois foi ali que encontrou grande satisfação pessoal para a descoberta do conhecimento e foi o que o instigou sobremaneira a estudar sua própria sociedade, o que lhe impôs desafios metodológicos, que enfrentou com o desenvolvimento da pesquisa antropológica na cidade. Mas faz questão de destacar que o processo criativo (a pesquisa, a escrita) não é um processo isolado, e sim coletivo. O diálogo com os ex-alunos, alunos e colegas lhe é muito caro.

E aí acho que estou me despidendo de uma retórica mais retumbante; eu tenho muito orgulho do meu trabalho pessoal direto, aquilo que é assinado Gilberto Velho, mas eu tenho muito orgulho também, talvez no mesmo nível, dos trabalhos que eu orientei, que eu ajudei a desenvolver. Isso não é porque eu sou bonzinho, não; é porque eu vejo isso como uma ampliação, como uma extensão, inclusive no meu trabalho. Pode-se dizer que é uma questão de um ego em expansão. Mas, de qualquer forma, é um projeto (NARRADORES..., 2006).

Nosso mestre argumenta sobre um estado de satisfação ao comemorar os trinta anos do livro *A utopia urbana* e ao alcançar o número 70 entre orientações de teses e dissertações.

Em situações como essa, eu fico muito gratificado de ter tido, em algum momento, alguma importância na formação de pessoas que hoje em dia têm um trabalho original, criativo e reconhecido. E acho que a Antropologia Visual é um campo muito rico, e que é mais do que um instrumento. Ela é realmente um processo de produção de conhecimento, e que eu acho que há tanta coisa a se fazer nessa área. Acho que, por exemplo, aqui no Museu, nós temos pouco investimento. Acho uma pena, mas acho que não precisamos ser nós, acho que tem outros grupos, o de vocês (NAVISUAL), Clarice e Patrícia na UERJ, em São Paulo, o grupo liderado por Sylvia Caiuby Novaes, uma série de outros lugares que eu sei que estão tendo esse impulso. E, para mim, é muito importante, e eu acho que a Antropologia em geral e, inclusive, para os estudos que nós fazemos na cidade, os vídeos que eu conheço, inclusive os que vocês fizeram, são realmente muito importantes, e enriquecem o nosso trabalho (NARRADORES..., 2006).

Evocamos sua memória sobre tantas orientações e os diferentes processos que implicam a transmissão do saber do ofício do antropólogo. Gilberto discorre sobre o quanto lhe é prazeroso orientar, oferecer uma bibliografia, encaminhar ideias, questões e argumentos:

Eu acho que, em geral, consegui desenvolver uma relação com meus alunos, por meus alunos serem não apenas discípulos, serem pessoas que interagem, que me

trazem coisas, me enriquecem. Eu já tenho alunos que ocuparam posições, têm obras importantes, pra dizer assim, casos mais ou menos óbvios: Luiz Fernando Dias Duarte, Myriam Lins de Barros, Maria Luiza Heilborn, Hermano Viana, Elizabeth Travassos, Karina Kuschnir. Eu não vou ficar falando que eu vou cometer injustiças, mas são muitos exemplos de pessoas que têm obras (NARRADORES..., 2006).

A linha de pesquisa que funda a Antropologia das Sociedades Complexas configura a emergência de outras problemáticas de pesquisa que se colocam como preeminentes no debate nacional. Temas como gênero, conduta sexual estigmatizada, violência, envelhecimento, vida suburbana, desemprego, carreira política, e outros, refletem um rizoma de análises etnográficas orientadas por Gilberto Velho no mestrado⁵ e no doutorado⁶.

Eu sou professor aqui desde 72. Fui aluno aqui desde 69. Entrei para o mestrado aqui em 69, terminei o mestrado

5 Ver, entre outros, Perelberg (1976); Nunes (1977); Guimarães (1977); Lemgruber (1979); Heye (1979); Santos (1979); Lins de Barros (1980); Abreu (1980); Heilborn (1984); Rocha (1985); Vianna (1987); Kuschnir (1993); Travassos (1995).

6 Ver, entre outros, Duarte (1985); Lins de Barros (1987); Daus-ter (1987); Salem (1987); Costa (1988); Russo (1991); Heilborn (1992); Viegas (1997); Kuschnir (1998); Moura (2003); Alves (2003a, 2003b).

em 70, final de 70, fui para os Estados Unidos, passei um ano fazendo o que hoje em dia nós chamaríamos de bolsa sanduíche, e aí se criava o doutorado; já estava adiantando pra fazer esse período nos Estados Unidos que incluiu uma série de cursos na Universidade do Texas, em Austin, e um período de pesquisa, na Nova Inglaterra. Eu fiz a pesquisa com a população açoriana. Eu volto em 72, começo a dar aula no programa. Já dava aula no IFCS, desde 69. Eu dou aula na universidade desde 69, e aqui, desde 72.

O primeiro curso que eu dei no Museu Nacional, em 72, é de Antropologia Urbana. O primeiro semestre em 1972 foi Antropologia Urbana.

O curso seguinte foi Desvio e Divergência, que gerou o livro *Desvio e divergência*, publicado em 74, com textos meus e de alunos meus do curso e que, hoje, está na 9ª edição. *Utopia urbana* foi publicado em 73; está fazendo 30 anos e está na 7ª edição. *Desvio e divergência*, que já está na 8ª edição. *Desafio da cidade, antropologia urbana, indivíduo e sociedade...* (NARRADORES..., 2006).

Trata-se de um projeto acadêmico sobre estilos de vida, projetos e trajetórias, redes e formas de sociabilidade no que tange a valores urbanos e a situações estigmatizantes. É um projeto que engaja os estudos científicos numa crítica às análises positivistas sobre patologia social. A Antropologia Urbana toma, assim, um sentido de compromisso ético e político no desvendamento das

atribuições persecutórias e ideológicas a grupos minoritários e injustiçados no país.

O livro de referência aqui é *Desvio e divergência*, organizado por Gilberto Velho e publicado em 1974, com textos de Maria Julia Goldwasser, que estuda uma instituição total; Dorith Schneider, sobre acusação de desvio de “alunos excepcionais”; de Simoni Guedes, que trata da relação entre umbanda e loucura; de Zilda Kacelnik, sobre circuncisão numa família judia; de Filipina Chirelli, sobre acusação de homossexualidade; e do próprio organizador, sobre comportamento desviante entre moradores de Copacabana (RJ).

O desafio da pesquisa urbana alcança importante repercussão. Gilberto Velho promoverá, continuamente, essa troca entre pares, organizando publicações como *O desafio da cidade*, em que ele, Ruben Oliven, Geert Banck e Yvonne Maggie, entre outros, nos instigam com reflexões sobre como grupos sociais no contexto urbano representam, organizam e classificam suas experiências (VELHO, 1980, p. 18).

Em 1981, Gilberto Velho publica *Individualismo e cultura*, com aporte teórico para tratar da sociedade contemporânea. A transposição nessas múltiplas fronteiras e territorialidades de significação é compreendida pela noção de *metamorfose*, processo pelo qual indivíduos e grupos sociais delineiam seus projetos de vida

(VELHO, 1994). Em *Subjetividade e sociedade* (1986), expõe a dialética entre cultura objetiva e subjetiva, em parceria com conceitos do interacionismo simbólico, que o autor articula para refletir sobre a unidade e a fragmentação em contextos individualizadores.

MOMENTO 3 – A MORADA

Finalizadas as filmagens na praça, Gilberto nos conduz até seu apartamento, não muito longe de onde estávamos. Ele nos mostra o apartamento, seus livros, objetos de coleção, pequenas figuras de soldados colocados lado a lado em uma bancada, as fotografias. Olhando pela janela, retoma alguns comentários que havia feito na praça:

Esses prédios, a grande maioria, é do final dos anos 60-70. Aqui mesmo tinha uma vila grande, mas com um terreno bem amplo, em que você tinha casas, casas de vila, mas casas grandes, entendeu? E era um panorama realmente diferente. [...] Agora, você tinha uma visão da praia. Os primeiros prédios aqui, como esse onde eu moro, dava pra ver a praia, e atrás dava pra ver a lagoa Rodrigo de Freitas. Então, é uma mudança de panorama impressionante, uma mudança muito radical em trinta, trinta e poucos anos. [...] Além das casas, você tem a derrubada de prédios menores pra construir prédios maiores; em Copacabana, isso foi generalizado.

Em Copacabana, a partir dos anos 70, você começa a ter prédios das primeiras fases de ocupação sendo derubados. Esse intervalo é isso que eu digo: a busca do melhor dos mundos permanente, que no fundo é uma aspiração minha e de muita gente, tentar encontrar algo assim. Isso é um lado; aí você tá falando de uma estratégia. Eu acho que é um lado da história; você está lidando com problemas urbanos, os problemas urbanos, a questão urbana. Sem dúvida, existe uma dimensão que isso é verdade, e que você está chamando a atenção em relação a uma série de pontos. O que eu não tenho muito entusiasmo é com o que, às vezes, as coisas parecem tanto para os que estão praticando Antropologia Urbana, como que para pessoas que não estão, eventualmente críticos e adversários, como se nós tivéssemos pretendendo desenvolver uma Antropologia diferente da Antropologia que estuda grupos indígenas, o que não é verdade (NARRADORES..., 2006).

Ouvir suas ponderações de forma mais densa, no ambiente do lar, nos aproximava do que lhe era familiar, sua moradia. Para nós, um momento de conhecer sua biblioteca pessoal e nos encantar com tantas obras de referência de sua formação intelectual.

Como eu entendo a Antropologia Urbana, eu penso que ela deve incorporar o que há de melhor em todas as áreas da Antropologia. Eu orientei um grupo de alunos que trabalharam com família e parentesco, Miriam

Lins de Barros, Tânia Salem, a Cecília Costa. Nesses casos, por exemplo, eu sempre procurei que estudassem a bibliografia básica e clássica sobre família e parentesco, que foi totalmente incorporada. Neste sentido, eu acho que temos que tomar muito cuidado com esses compartimentos, com essas separações. Eu acho que a Etnologia tem uma contribuição muito grande, evidentemente, mas não acho que seja a principal manifestação da Antropologia brasileira. A Etnologia é importante para nós, a Antropologia Social Britânica, a Antropologia Francesa, o Interacionismo, a Escola de Chicago, todas elas foram fundamentais. Então, eu acho que o que aconteceu é que houve uma síntese, que não é homogênea, uma vez que há múltiplas leituras, de um conjunto de tradições que de algum modo se encontram (NARRADORES..., 2006).

Mais tarde, sentado em seu sofá, em frente à câmera, pondera sobre o campo da Antropologia Urbana no Brasil, espécie de síntese final para um processo longo de entrevista. Gilberto conclui:

Antropologia Urbana, inevitavelmente, está lidando com Antropologia das Sociedades Complexas, e a Antropologia das Sociedades Complexas Modernas Contemporâneas inevitavelmente tá lidando com a dimensão da cidade, e quando eu digo cidade, eu estou falando especificamente de grandes cidades, de metrópoles, das metrópoles contemporâneas, que tem

sido o que eu tenho estudado; que é um fenômeno histórico, você tem como datar, uma coisa que tem a ver com a Revolução Comercial, com a Revolução Industrial, com a expansão colonial, expansão marítima, revoluções tecnológicas, enfim, temos diante de nós as grandes cidades moderno-contemporâneas: as metrópoles. Onde existem esses processos sociais e situações onde existem uma tipicidade, e, bem, Simmel foi certamente quem mais chamou a atenção sobre isso, passagem do séc. XIX para o séc. XX, mas que existem processos sociais dos mais variados tipos, que não são necessariamente explicados, ou que a explicação principal não é necessariamente o fato de estarem acontecendo na cidade (NARRADORES..., 2006).

É justamente este aspecto que ele retoma, mostrando-nos obras que herdou, adquiriu, leu e releu, instigado por nossas questões, pois queríamos aprofundar sua trajetória pessoal de formação acadêmica, além de seu ecletismo, erudição, sabedoria, graça, humor refinado e peculiar:

A literatura em primeiro lugar. Mas eu sou um frequentador de museus, e frequento, sempre que viajo, faz parte da minha obrigação visitar museus, seja na Europa, nos Estados Unidos, na Índia, onde quer que eu esteja. Então, eu sou um apreciador de artes plásticas, de pintura. Tenho um interesse mais marcante pelo Renascimento, pelo Impressionismo. E música é

isso, Bach, Mozart, Haydn, Beethoven. Não sou ortodoxo; gosto de música americana, um certo tipo de música americana, jazz, de música brasileira. Certo, eu não sou um sambófilo, mas eu gosto de ouvir umas coisas, eu gosto muito do João Gilberto. Mas gosto de Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda, essas coisas. Eu não sou um conhecedor profundo da música popular, longe disso; eu conheço, eu gosto razoavelmente bem de algumas coisas da música clássica. Agora a literatura sim, a literatura é a minha grande paixão. No Crime e castigo, por exemplo, que eu tinha lido sei lá, com dezessete anos e meio, uma coisa que eu descobri relendo é que ele é importantíssimo em temas sobre a cidade. Em Crime e castigo (romance do escritor russo Fiódor Dostoiévski, publicado em 1866), aparece São Petersburgo, a questão da cidade, a questão da moradia, os prédios em que eles moram, a questão da rua. É absolutamente fascinante. Então, eu sempre me alimento muito da literatura. Eu li muito, eu li muita literatura. Dos 14 ou 15 anos até os 30 anos, nunca deixei de ler, mas é claro que a gente tem que ler tanta tese e projetos... Então, lendo os projetos, discutindo, então, tem que ter um espaço para isso. Enfim, eu acho que é importante ter esse universo amplo, insistindo sempre nisso. Não é só Antropologia Urbana; isso é uma das coisas, evidentemente. Antropologia, e atividade intelectual, quer dizer, antes de ser um antropólogo, eu sou um intelectual, entenderam? (NARRADORES..., 2006).

Em sua moradia, volta ao pai, ao contexto familiar, à rede de pertença para falar de vários estímulos recebidos em sua formação intelectual, como o apreço pela história, a paixão pela literatura, o interesse pelas artes e, claro, pelas ciências sociais, em especial pela Antropologia. Reflete então sobre uma “[...] espécie de socialização que gerou uma atitude de observar participando”.

Então, o que eu fui aprendendo na Antropologia, em termos de técnica de trabalho de campo, de história de vida, de modos de acompanhar a população que você está estudando etc., foram desdobramentos e enriquecimentos de uma atitude que eu fui construindo antes, eu acho, que implica no movimento de aproximar-se e distanciar-se. Quer dizer, você olhar por que está muito perto, e realmente cultivar deliberadamente, fazer um exercício de distanciamento; que não significa congelar suas emoções, que não significa ignorar seus afetos, mas significa realmente tentar colocar as coisas em perspectiva, e tentar sobretudo, perceber quais são os pontos de vista dos diferentes atores (NARRADORES..., 2006).

UMA TEORIA SUSTENTÁVEL

Gilberto nos mostra alguns livros de sua biblioteca e se refere a um bastião de guardiões intelectuais caros à sua formação. Refere que sempre foi preocupação sua integrar uma tradição antropológica da leitura dos

clássicos, de Malinowski, Evans-Pritchard etc., a um conhecimento socioantropológico. Insere novamente a importância da Escola de Chicago como referência de estruturação de uma linha de pesquisa sobre sociedades complexas, acrescentando as obras de Foote Whyte, Erving Goffman e Howard Becker, importantes neste processo.

Refere-se a outras obras e autores, além de Georg Simmel, Wirth, Firth e Gluckman, e à questão de estudos das situações sociais. Trata-se de uma influência anglo, fundamental:

Eu gosto de juntar estes autores, buscar contrastes em sociedades de pequena escala e pensar, devidamente, a grande metrópole. A mim interessam seus movimentos, seus deslocamentos. Me apraz perguntar: mas quais são os atores envolvidos numa situação social? E quais são os pontos de vista? As visões que os diferentes atores têm de uma situação social? Como estão vivendo, com eles vêm, como percebem? (NARRADORES..., 2006).

E, lembrando sua hipótese central na obra *Individualismo e cultura*:

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais

marcada será a sua autopercepção de individualidade singular (VELHO, 1981, p. 32).

Nosso interlocutor argumenta sobre a importância de reconstituir as histórias desses atores e as relações que eles mantêm entre si, as relações que eles têm fora de sua situação particular, que eventualmente naquele momento eles estejam vivendo.

O *drama social*, lembrando Victor Turner, entre outros, lhe permite fertilizar um conceito eficiente para atravessar biografias e trajetórias individuais e coletivas: “Estamos expostos, somos afetados e vivenciamos sistemas de valores diferentes e heterogêneos”. Refere-se ainda ao conceito de Alfred Schutz, que lhe é caro, o conceito de *projeto*:

Outra noção fértil entre nós, em que você está lidando com atores, dando ênfase na consciência individual. Estamos lidando com pessoas, em suas identidades, suas emoções; ao mesmo tempo estamos lidando com estratégias de lidar com um *campo de possibilidades* em que estas biografias e trajetórias se sustentam.

Então, eu acho que a construção de um conhecimento antropológico em que você está próximo das situações observadas, isso é uma coisa que muitas pessoas já fizeram, mas eu acho que de algum modo a gente conseguiu juntar. A gente – eu estou falando realmente de uma obra coletiva –, a gente conseguiu juntar cer-

tas tradições. A ação da vida cotidiana, com Schutz. A microsSociologia no melhor sentido de microsSociologia do Goffman, até às discussões de teorias de acusações, por exemplo, a escola da Antropologia Social Britânica. As situações que são narradas com a Antropologia Social, os dramas, a noção de drama social, que não deixa de ser, em algum nível, uma microsSociologia (NARRADORES..., 2006).

Gilberto, como sempre perspicaz para sintetizar alguma máxima para a tarefa do antropólogo, provoca: “Tentar entender estas estratégias é que é um grande desafio”.

E aí vem a discussão sobre projeto, que é uma das coisas que eu mais tenho trabalhado na minha carreira, que é a discussão sobre até que ponto a ação social pode ser entendida através de uma análise de projetos, o quanto a ação social é consciente, né (?), qual é a relação entre ação social consciente e motivações que não são conscientes, como é que você consegue analisar e dar sentido a condutas e interações tendo essas perguntas (NARRADORES..., 2006).

Reforça a influência da fenomenologia de Alfred Schutz como inspiração principal de muitos de seus trabalhos. Refere-se ao embasamento que o autor fornece a questões do tipo: “Como é que a realidade é construída

e como ela é desconstruída, e como é que ela é transformada?” (NARRADORES..., 2006). Essa “*attention à la vie*”, como o Bergson dizia, “[...] me seduz em especial”, pondera, o que lhe permite articular novamente uma questão central: “Como situar a noção de indivíduo em um processo mais abrangente de construção social da realidade?” (NARRADORES..., 2006).

UM MÉTODO DIFERENCIADO

O que é o mais difícil na pesquisa etnográfica na cidade? Argumentamos que a questão se refere ao estudo do próximo, do familiar, para retomar seu artigo fundador, *Observando o familiar* (1978). Ele responde que lhe é crucial ver o próximo em suas emoções, em seus sentimentos e preocupações, na condição de pessoas enquanto sujeitos: “Eu acho que isso é que é mais difícil; eu acho que às vezes isso cria dificuldade na hora de fazer a pesquisa” (NARRADORES..., 2006), ou seja, o mais difícil é o deslocamento epistemológico. “Então você tem todo esse complexo processo de reconhecimento, de mapeamento: ‘Será que eu posso entrar, será que vão me deixar entrar nessa loja? Será que eu vou ser recebida?’” (NARRADORES..., 2006).

Este deslocamento é um ensinamento fundamental que sempre objetivou transmitir aos alunos que encon-

tram dificuldades em dar conta de uma realidade objetiva, de situações a serem descritas e, ao mesmo tempo, se preocupar com a subjetividade das pessoas e tentar entendê-las em sua dimensão interna: “[...] às vezes não vai ser possível; constantemente vai ser desigual; você não vai poder acompanhar no mesmo nível todos os atores, mas essa preocupação que envolve um exercício de reflexão intelectual e empatia, a busca da empatia, é crucial” (NARRADORES..., 2006).

De forma ampla, argumenta Gilberto, busca nas Ciências Sociais a relação entre biografia, trajetória individual, estigma social e cultura. E exatamente essa é sempre a questão:

Se você é reconhecido, como você é reconhecido, e onde, em que nicho você é colocado, como é que você é classificado? E como é possível através dessa classificação você estabelecer uma relação de pesquisa? Isso sempre é um problema, sempre... permanente, ininterrupto, e é isso, observando o familiar (NARRADORES..., 2006).

Com este empenho, nosso interlocutor recorre, com enorme intimidade, a um campo de conhecimento multidisciplinar, cujas fontes vão desde a Psicologia Social até a Antropologia da Cultura e Personalidade, a Escola Sociológica Francesa, o Interpretativismo, o Interacio-

nismo Simbólico, a História Social etc. Segundo afirma, “[...] as fontes são muitas” (NARRADORES..., 2006).

Gilberto aponta uma reflexão interessante sobre certo ineditismo da pesquisa, capaz de realizar uma descrição densa no contexto da cidade brasileira e de analisar os processos em que valores e atores sociais “[...] devem ser examinados em suas múltiplas e complexas inter-relações” (VELHO, 1994, p. 61). Trata-se da pesquisa peculiar e robusta que se faz no Brasil, no que tange a uma Antropologia Urbana, mas que, ao mesmo tempo, é capaz de inspirar pares, parcerias e intercâmbios:

Assim, eu acho que no Brasil nós realmente constituímos uma Antropologia Urbana que, sinceramente, não tem nada parecido, nem na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra. Eu acho isso, eu acho que a produção nossa é uma produção muito variada, muito rica, e, evidentemente, existem trabalhos melhores, uns que não são tão bons assim, mas é um conjunto apreciável, e eu tenho muita satisfação com isso. E eu acho que não é uma coisa que tenha ficado confinada ao Museu Nacional. Estabeleceu-se uma comunicação com o resto do país, e, hoje, reconhece-se isso em alguns lugares fora do Brasil. No meu caso, eu tive uma experiência há alguns anos em Portugal, de ajudar a formar pessoas, e participar do que a gente chama de júris, de bancas, e publicar trabalhos com antropólogos, cientistas portugueses, como o livro *Antropologia urbana*, mas não é só

ele. Tem o livro *Etnografias urbanas*, que saiu em Portugal agora. Enfim, não é uma coisa ufanista, mas é uma coisa de constatar que é o resultado de trabalho de muito tempo, e que a gente deve isso ao esforço de muitas pessoas. Além do diálogo profícuo com os diversos centros de atuação neste campo da pesquisa antropológica na cidade, com grupos urbanos, migrantes, ampliando os problemas relacionados às ideologias individualistas (NARRADORES..., 2006).

O objetivo, mesmo que ambicioso, é concreto; e o sucesso é tecer uma teoria sobre o indivíduo e a sociedade com base em uma sólida pesquisa etnográfica no contexto metropolitano, que repercuta o *de perto e de longe*, o *de dentro e de fora*, para imitar uma máxima de José Guilherme Cantor Magnani, antropólogo urbano, professor na USP de São Paulo.

Gilberto finaliza lembrando uma rede de antropólogos brasileiros que lhe foram caros. “As meninas”, Ruth Cardoso e Eunice Durham, o inspiraram enormemente sobre a complexidade e heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea, em especial em suas reflexões sobre as estruturas de poder de dominação e as formas de demarcação de diferenças sociais e, ainda, a elaboração de identidades étnicas, culturais e familiares relacionadas aos processos migratórios e de formação da força de trabalho para o parque industrial paulista.

Ruth, aliás, que orientou seu trabalho de doutoramento e o diálogo com a rede de pesquisadores formada na USP, sempre foi intensa e produtiva para a Antropologia brasileira.

MOMENTO 4 – UM PASSEIO PELO MUSEU NACIONAL

Adentrando o parque do Museu, seguimos Gilberto até sua sala de trabalho. A câmera de nossa equipe, nas mãos do então doutorando em Antropologia na UFRGS, Rafael Devos, se detém um tempo sobre a placa com seu nome: Gilberto Velho. As duas equipes se acomodam em sua sala para os procedimentos de entrevista.

Após uma conversa quase ininterrupta sobre definição e redefinição de realidade, pequenos dramas, impasses, em sua sala de trabalho, no Museu Nacional, onde da janela se descortina o famoso Jardim das Princesas, Gilberto Velho comenta conosco sua participação na fundação do campo da Antropologia Urbana no Brasil. Fala da cidade como fenômeno urbano, para ele inspiração permanente para pensar a vida social, entender seus efeitos, suas consequências na vida individual:

Isso é uma coisa que a cidade te mostra; isso é um fenômeno que a grande cidade permite você perceber e estudar com maior riqueza. Que a vida se passa em múltiplos planos, são vários contextos diferentes, eventu-

almente contraditórios, são situações diferentes, e que você transita, permanentemente, entre mundos, entre esferas distintas. Não é que isso não possa ocorrer em sociedades de pequena escala, mas na grande cidade isso aparece numa tal dimensão, numa tal intensidade, que passa realmente a constituir uma diferença qualitativa, a ponto de aí você dizer: “Isso é uma Antropologia Urbana” (NARRADORES..., 2006).

Em suas reflexões, o mestre avalia os desafios da verdadeira pesquisa acadêmica, que não conhece limites em sua paixão pelo conhecimento. Seguindo suas ponderações sobre a peculiaridade de se dedicar à pesquisa no contexto das metrópoles moderno-contemporâneas, nos brinda com uma reflexão sobre a importância de se “deixar” surpreender pela prática do trabalho de campo, sempre e eternamente como parte integrante da prática do conhecimento científico:

A academia é extremamente preconceituosa; por isso, é importante você manter certos padrões, certos padrões de excelência, certos critérios de rigor, certos princípios de trabalho científico etc., mas é importante que isso não seja uma coisa que desmobilize, que te impeça de ter sensibilidade, de ser capaz de captar fenômenos novos e situações que talvez, num primeiro momento, não fossem propícias, ou desejáveis de imediato, obviamente desejáveis pro trabalho de pesquisa. Você real-

mente pode se surpreender, e é importante você ter essa abertura... esse ponto de equilíbrio entre estar atento e estar prestando atenção em coisas novas, que podem ser estimulantes, tentar manter certos padrões, criar certos critérios, para que essas coisas efetivamente façam sentido quando estiverem sendo estudadas. Isso é uma das tarefas mais importantes, mais difíceis. Não só de um orientador, o de um chefe de pesquisa em geral, de um pesquisador (NARRADORES..., 2006).

Já no final da manhã, observando-nos no uso dos recursos audiovisuais por dois longos dias, acompanhando seus deslocamentos do bairro onde mora para seu apartamento e, antes, dentro de sua sala de trabalho no Museu Nacional, Gilberto, talvez por delicadeza, faz algumas reflexões sobre o lugar da imagem na produção do conhecimento antropológico:

Então, são as preocupações assim de recuperar também essa coisa dos sentidos. Do olhar, o olhar sempre, mas os outros sentidos também, né, que é interessante, a escuta atenta. Certo que o trabalho com imagem, na cidade, sobretudo nos Estados Unidos, é sempre muito complicado fazer uma Antropologia, digamos urbana, sem toda a tradição da habitação, do tempo, da construção mesmo de uma vivência, em função justamente das constituições jurídicas sobre a tomada da imagem, os direitos autorais etc.

Assim, eu acho que no Brasil nós realmente constituímos uma Antropologia Urbana que, sinceramente, tem um grande ineditismo em relação ao que podemos encontrar nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França (NARRADORES..., 2006).

Prosseguindo em suas ponderações, conclui, sem falsa modéstia:

O que eu acho que aconteceu conosco é que o Brasil, nesse ponto eu não sou nada modesto, eu acho que o que nós chamamos de Antropologia Urbana, o lugar que isso mais se desenvolveu foi no Brasil; é no Brasil. Esse estudo sobre grupos sociais, sobre diferentes populações urbanas, sobre diferentes modos de viver na cidade, sobre essa heterogeneidade, sobre esses múltiplos níveis e dimensões da vida urbana, particularmente da metrópole, eu acho que não tem outro lugar no mundo. E não tem por uma razão. O que nós tentamos e conseguimos fazer isso com algum sucesso (e não apenas nós do Museu Nacional, mas vocês do Rio Grande do Sul, alguma coisa se encontra em outras universidades, São Paulo, Campinas, Brasília etc.) foi integrar diferentes tradições em Ciências Sociais (NARRADORES..., 2006).

MOMENTO 5 – O ENCERRAMENTO DE UM PROJETO

Como havíamos projetado, ou sonhado, conseguimos organizar o I Ciclo de Antropologia e Etnografia

em Contextos Urbanos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, de 15 a 17 de março de 2011, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Nessa ocasião, Gilberto proferiu uma conferência que filmamos, editamos e publicamos no portal <www.biev.ufrgs.br>. Foi uma fala que emocionou a todos, como o testemunham os aplausos finais.

De sua fala, para encerrar este texto-entrevista, nos é caro citar quando o mestre diz: “Nós somos narradores, narradores urbanos, nós somos narradores herdeiros de uma nação, de uma tradição no mínimo da sociedade ocidental” (NARRADORES..., 2006). Argumenta sobre as experiências de sua geração, que teve a oportunidade de ler a *Comédia humana* de Balzac, Flaubert, Machado de Assis, Stendhal, Baudelaire, Eça de Queiroz, de conhecer os cineastas italianos, franceses, russos, de herdar uma tradição literária que configura um sistema de valores da cultura ocidental moderna.

Os fatores mencionados no quadro descrito permitiram, segundo Gilberto, descobrir o que era a cidade moderna contemporânea, que constituía um enorme desafio para os antropólogos que estavam fazendo pesquisa no século XX.

Finalizou sua conferência falando da importância de alargarmos nossos horizontes, da importância do papel da etnografia em interpretar as múltiplas narrativas escutadas, as diversas experiências observadas.

Podemos, finalmente, agradecer as organizadoras desta coletânea em homenagem a Gilberto Velho, sua ex-orientanda Cristina Patriota Moura (UnB) e Lisabete Coradini (UFRN), pela oportunidade de organizar este material, que foi possível divulgar, além do projeto fílmico. Parte deste material foi apresentada no evento organizado em março e abril de 2014 na homenagem prestada a Gilberto Velho pelas professoras Miriam Pillar Grossi e Carmen Silvia Rial, na Universidade Federal de Santa Catarina. Gilberto deixa uma “baita” saudade, para usar uma gíria gaúcha, recanto que ele tanto apreciou a cada visita, sempre lembrando de seu pai e avô, de sua pertença ancestral aos pampas gaúchos, de sua formação na brilhante escola militar. Cada visita sua ao nosso recanto, convite que ele sempre acolhia com entusiasmo, nos enobrecia com seu conhecimento e astúcia intelectual. Um “baita” mestre.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ovídio. *Raça, sangue e luta: identidade e parentesco em uma cidade do interior*. 1980. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

ALVES, Andréa Moraes. *Fazendo Antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante*. VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas urbanas: desafios do*

trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a. p. 174-189.

ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003b.

ALVIM, Maria Rosilene B. *Constituição da família e trabalho industrial: um estudo sobre trabalhadores têxteis numa fábrica com vila operária*. 1985. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

BECKER, Howard. S. *Outsiders: estudos de Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DURHAM, Eunice. A investigação antropológica em áreas urbanas. *Revista de Cultura*, São Paulo, v. 67, n. 2, p. 49-54, 1973.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Org.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

COSTA, Maria Cecília S. *Os filhos do coração: um estudo antropológico da adoção em camadas médias brasileiras*. 1988. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

COSTA, Sandra R. S. *Bricoleur de rua: um estudo antropológico da cultura hip-hop carioca*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

DAUSTER, Tânia. *Nome de família: maternidade fora do casamento e o princípio da filiação patrilinear*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DURHAM, Eunice. *Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista*. 1964. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1964.

DURHAM, Eunice. *Migração, trabalho e família: aspectos do processo de integração do trabalhador de origem rural à sociedade urbano-industrial*. 1967. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1967.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FOOTE WHYTE, William. *Street corner society: the social structure of an italian slum*. 4. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures: selected essays*. New York: Basic Books, 1973.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

HEILBORN, Maria Luiza de A. *Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. 1984. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

HEILBORN, Maria Luiza de A. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade*. 1992. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HEYE, Ana Margarete. *Mata Machado: um estudo sobre moradia urbana*. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

KUSCHNIR, Karina. *Política e mediação cultural: um estudo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

KUSCHNIR, Karina. *Política e sociabilidade: um estudo de Antropologia social*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

LEMGRUBER, Julita. *Cemitério dos vivos*. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

LINS DE BARROS, Myriam M. *Testemunho da vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

LINS DE BARROS, Myriam M. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MAGNANI, José G.; TORRES, Lilian de L. (Org.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: FAPESP, 1996.

NARRADORES Urbanos: Gilberto Velho. [Série documental]. Produção do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) da UFRGS, direção de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Rio de Janeiro, BIEV, PPGAS, IFCH (UFRGS), 2006, DV – NTSC, 18 min.

NUNES, Márcia L. *Anões contra gigantes: o movimento de defesa da ecologia no bairro da Gávea*, Rio de Janeiro. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. *Ilhas urbanas: novas visões do paraíso: uma discussão etnográfica dos condomínios horizontais*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PEIRANO, Mariza. *Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: UnB, 1992.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PERELBERG, Rosine J. *Fronteiras do silêncio: um estudo de desvio e ritualização*. 1976. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1990.

ROCHA, Ana Luiza C. *A dialética do estranhamento: a reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre/RS*. 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1985.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RUSSO, Jane A. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. 1991. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

SANTOS, Carlos Nelson F. *Três movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro*. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

TRAVASSOS, Sonia D. *Jogo, praça pública e sociabilidade masculina*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A Invenção da Favela*. Do mito de origem e a favela. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. 1975. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, Gilberto. *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de Antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 11-23.

VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

VELHO, Gilberto. *Mudança, crise e violência: política e cultura no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VELHO, Gilberto; MACHADO, Luiz Antônio. A organização social no meio urbano. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 76, p. 71-80, 1977.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; FGV Editora, 1996.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VIANNA, Hermano. *O baile funk: festas e estilos de vida metropolitanos*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.